



O parecerista

Guto Leite¹

"Bem-aventurados os que não sabem o futuro".

Mateus 29.2

Leio muito, exageradamente. Se minha profissão estivesse num dos vinte tomos do *Catálogo de Ofícios*, eu me apresentaria como parecerista. É o que sou. Em miúdos, aquele pago pelas editoras para opinar em jornais e revistas sobre as obras recentemente publicadas. A necessidade, mãe do talento, deixou-me órfão, embora o acaso, meu pai, tenha sabido muito bem como me amparar. Filho de escritor e de uma culta dona de casa, sempre tive acesso à casta pensante de nossa cidade. Isso leva àquilo, aquilo leva a outro e pronto: no supermercado, passo semanalmente vinte ou trinta minutos escolhendo bebidas, vinhos e chocolates na prateleira dos importados. Mesmo que eu saiba, de antemão, sempre, quais dos agrados eu levarei para casa.

Minha rotina não te importa, eu sei, pouco leitor, mas em algumas linhas te atrapalharias muito com os fatos narrados e eu teria que contar, fora de ordem, esta pequena introdução que lêes como vaidade e condenas. Para poupar-nos é que me antecipei, e prossigo. Aliás, é na antecipação que mora aquilo que te moverá aqui o interesse. Por meu trabalho, com o passar dos anos, adquiri certa habilidade incomum, exclusiva, até onde conheço os outros. No exame repetido das obras de ficção, desenvolvi minha leitura a

respeito desta larga narrativa que nos envolve e exerce sua força. A mesma que se faz madrastra de ditados como “Deus escreve certo por linhas tortas”, da *hybris* dos gregos, da analogia teatral de Shakespeare e da surpresa diante da morte dos jovens. É provável que nada do futuro esteja escrito, mas isso não impede que possa ser lido. Sou eu este único leitor capaz. Posso dizer, com uma certeza de autor, que conheço previamente tudo o que se dará comigo até minha morte. Se tivesses tempo, leitor, para me contar tua vida – e eu, paciência –, também a ti eu pouparia das surpresas que preencherão teus dias até te veres livre deste arremedo de olhar para si a que todos chamam consciência.

Despertaste, não é mesmo? Foi só falar de ti que começaste a prestar atenção em minha história. Infelizmente, por hábito ou por orfandade, sou voluntarioso. Para saber mais das causas e dos desdobramentos de minha perícia, lê o *Funes*, do avesso, e terás uma vaga ideia de como as coisas se dão para alguém que dominou o súbito e os emaranhados. Sei que não vais ler. Eu, contudo, por hora, e é essa a hora que temos, a hora do conto, ignorarei tua preguiça e me limitarei a falar daquilo que se dará comigo hoje, dia especialíssimo por conta de uma poetisa tímida, mas talentosa, que conhecerei mais tarde. Acabo de te adiantar o final do conto, leitor, livrar-te da curiosidade. É engraçado como livros e liberdade confundem suas palavras em nossa língua. Aproveitei também para dar-te um gostinho da vidência que possuo. Gostaste? Queres mais? Tudo? Não é o desejo mais prudente, eu te alerto. Depois da história lembrarás com saudades desta prazerosa incerteza que agora sentes e me odiarás, naufrago, com tua alma à deriva em busca de ilha firme no desfecho do conto.

Pois bem, daqui a pouco me levanto, preparo alguma coisa para comer, paro por instantes perto da mesinha da sala, que me telefonará o editor. Raramente ele me liga, só em casos de urgência, mas como suspeita que eu aguardasse o contato, não se desculpa e diz logo o motivo da ligação. Os Correios pararam! Há dias as tensões aumentavam entre as partes e finalmente os líderes dos empregados, dois dias atrás, o que ele não sabe, decidiram não trabalhar para conseguir seus benefícios. Não. Nós, os pareceristas, jamais recebemos originais por e-mail. Lemos três mil páginas por semana, às vezes mais, imagina se o faríamos na tela de um computador! Seria esse um motivo perfeito para greve – por motivos óbvios, uma greve de pareceristas é muito mais grave do que uma greve de

carteiros. Antes que te rebeles, leitor, e faças a tua, eu continuo. O editor também me pergunta se eu poderia buscar alguns originais e evitar que o trabalho se atrase muito. Eu nego, não faz parte das minhas obrigações. Um pouco desapontado, ele simula uma voz trêmula para dizer que uma das autoras mora a quadras da minha casa, se nem com esta eu poderia ser “um pouco mais pró-ativo”. Claro que eu poderia, era a minha autora, mas hesito propositadamente e digo, depois de um tempo, “vá lá, me diga onde mora a escritora”. Feliz e agradecido ele me passa o endereço e começa a se despedir, mas se interrompe. “Você sabia, não sabia? Ah! Quer conhecer a Alice, que canalha, quer conhecer a... Sabia também da greve dos Correios?”.

Entre metades de frases e risos, todos dele, desligarei prontamente o telefone. Vivo neste pequeno jogo de descobertas com os raros interlocutores que sabem de minha habilidade, um tédio. Chega de desânimo, vai, hoje é o dia! Levanto-me e, sem passar pelo banheiro, arrasto-me até a cozinha para esquentar a água do café. Em meia hora, meu vizinho, que é escritor, por viver de ouvido rente às paredes, virá bater à minha porta numa conversa a princípio fortuita, mas que acaba chegando na obra que ele está escrevendo.

Transcrevo. “Vizinho, que bom te ouvir acordado!”, “Bom dia, seu Luís”, para encurtar a conversa, “tem trabalhado muito?”. “Licença, vou entrando pra um café”. “Fica à vontade”. “Eu, sim, tô escrevendo o livro da minha vida, vais ver, este é pra ficar. Quero ouvir depois o que dizes dele”. Há um pequeno silêncio, por falta de intimidade, enquanto mais de uma vez bebericamos das xícaras. “E o senhor? Trabalhando muito?”. “Sim. Não tenho mais tempo algum, seu Luís, sigo lendo, lendo muito, justamente porque todos andam escrevendo os livros de suas vidas”. Ele ri. Não é esperto o bastante para sarcasmos. Sua esposa, por exemplo, é notavelmente mais original do que ele e daria uma ótima escritora. Se a ironia cotidiana de Deus lhe passa despercebida, não serão minhas piadas que o farão corar. Agora te sinto puxar pela memória se fui alguma vez irônico contigo. Não fui, te asseguro, não sou disso com todos. Tranquiliza-te e vamos.

Depois que o vizinho se for, retorno ao endereço de Alice. Um pouco mais longe do que o editor insinuara (ou insinuou, ou insinuará, espero que compreendas minhas confusões verbais). Como me interessei por Alice? Com o futuro nas mãos, queres mesmo saber do passado? Pois bem, serei sucinto, antes que ferva a água do café. Tenho por hábito

saber mais sobre os escritores que leio. Vou atrás de biografias, matérias, entrevistas, tudo o que se dispuser à leitura. É lamentável que Borges não tenha vivido o bastante para reconhecer na Internet sua biblioteca! Não leio sobre eles por curiosidade medíocre, pelas trivialidades, mas pelo seguinte pensamento: por que ler um livro, se posso ler dois, ou três? E Alice me parece um gracioso livro de Bandeira, onde se misturam falhas de principiante a momentos sublimes. Não tens ideia de como é difícil encontrar o sublime, ao menos para mim, que vivo neste presente eterno, divino, sem qualquer espaço para transcendência. Satisfeito? Não? O que eu poderia fazer? Tua insatisfação não é minha culpa, nunca foi, apesar de tentar imputá-la a mim quando pegaste por obrigação este conto para ler.

Chega de passado! Após ver o endereço, decido que o melhor horário a sair é mesmo no fim da manhã, não quero esperá-la por uma hora à frente do prédio de fachada branca e sóbria, perdendo tudo o que meu ofício amedrontador conquistou antecipadamente sobre ela. Temor, respeito, admiração, interesse são sentimentos que não se desperdiçam, muito menos hoje em dia. Aproveito a espera para ler um livro de filosofia que aguarda meu parecer. Como me atrasam esses livros brasileiros de filosofia! Atrasam-me normalmente pelo ritmo vagaroso de leitura, mas dessa vez irá fazê-lo ainda mais, porque vou dormir à altura da página cento e trinta. Consigo ver: “o espírito humano dificilmente se permite a...” e durmo. Talvez seja melhor tomar uma segunda xícara de café daqui a pouco... Não, faço muito bem em bastar-me com esta. Assim, acordarei ligeiramente afobado e vencerei as quadras em minutos para encontrar Alice saindo do prédio, o que vai proporcionar, depois que ela busca o volume, tomarmos um café providencial numa lanchonete próxima, em vez de ser recebido à porta, friamente, enquanto ela pega o livro que mandaria à editora.

Até que enfim ele vai falar de Alice, pensas em segredo. Que segredo? Não tenho culpa se só leste as obras famosas de Bandeira e ficarás sem lê-lo devidamente até a velhice, quando voltarás aos livros, mais aos poetas, numa pressa inútil e de suicida involuntário. Se tivesses lido o bastante, minha descrição teria cumprido muito bem seu papel de trazer a ideia precisa de uma mulher de vinte e seis anos, cabelos castanhos, leves sardas na cama do rosto, olhos claros e nariz levemente destacado. Tudo em desequilibrada harmonia. Sua fisionomia alongada e sua delicadeza fazem-na imediatamente uma figura de Goddard (um dia desses, não te direi a grande divisão que fiz das mulheres do mundo

entre as musas de Goddard e de Fellini). Assim, em filme, saio do portão de seu prédio para acompanhá-la numa caminhada enquanto conversamos banalidades. Escolho as colocações exatas que a levarão a me chamar ao café, que aceito firme, mas sem demonstrar sinal de pressa.

O editor acaba de me ligar e a conversa transcorreu como eu havia dito. Tudo bem, confesso, desliguei antes que ele começasse com sua excitação juvenil sobre minha vidência. Evito intervir muito na ação dos outros, mas tu hás de entender que estou sempre às vésperas de aborrecer-me com a previsibilidade alheia. Voltemos. No café, prossigo com meus planos de viver nela e com ela os meus próximos treze anos de desejo. Rápido demais? Traduzo-te, claro. Em resumo: pago-lhe o café e a tortinha de morangos (com o melhor cartão de banco que tenho), publico uma ótima crítica de seu livro na Folha, na Zero Hora e no JB (jornal de sua cidade natal, lançando mão de um favor com um figurão que conheço por lá) – mesmo sabendo que estas ótimas críticas a encherão de confiança para um segundo livro, equivocado, um terceiro, hesitante, um quarto, impublicável, e será a raiz de sua fragilidade pessoal que ajudará a compor nosso tumultuado divórcio lá na frente –, ela entra em contato por e-mail depois da crítica, agradecida, marcamos de ir ao teatro, cito um verso seu fingindo não lembrar a autoria, ela se encanta, nos beijamos, fazemos amor, namoramos por alguns meses, vamos morar juntos, temos uma filha – igualmente encantadora, embora de uma voluntariedade indissoluta –, e, por fim, Alice para de fazer versos, começa a se intrometer nas minhas críticas, suporto por um tempo, por anos, até dizer a ela, numa explosão de raiva, que sua literatura não tem força alguma para resistir ao futuro.

Sim, eu sei, fui bastante breve, talvez rude, mas acredito ter deixado os vãos necessários para que preenchas perfeitamente nossa história. Até considereei tua propensão romântica, leitor, para dar um pouco mais de emoção aqui e ali, poder afirmar que tudo já estava escrito, que durou o que tinha de durar, que eu deveria, por saber como as coisas são, tentar evitar o desfecho... Ouviste? A campainha. Desculpa-me se te troco pelo melhor dia que terei em anos, mas sou incapaz de conversar com duas pessoas simultaneamente. Ainda mais se uma delas não está presente para que eu leia em seus gestos tudo o que pensa de mim. Se me permites, uma última confidência. Acredito, muito intimamente, que

Alice ainda pode me surpreender hoje. Não me chamar para o café, insistir por dividir a conta, não se impressionar com a minha citação obscura de *Finnegans Wake*. Quem sabe dessas coisas? Eu sei. Infelizmente tudo se dará como o previsto. O amor é a esperança na surpresa, leitor, não mais. Por saber tudo sobre Alice, desde uma primeira entrevista que li, talvez antes, até os anos que viveremos juntos, nunca fui capaz de amá-la por completo. Vejo que já tendes a concordar comigo quanto ao futuro divórcio. No mais tardar, amanhã, estaremos de acordo sobre absolutamente tudo e pensarás em mim, finalmente, com os olhos certos. Que tenhas uma ótima e imprevisível vida depois do conto.

“Seu Luís, que surpresa!”

ⁱ Poeta dos livros *zero um* (7 Letras, 2010), *Poemas Lançados Fora* (7 Letras, 2007), *Sintaxe da Última Hora* (Scortecci, 2006) e *Reflexos* (FEME, 2000), além de premiado em concursos literários e presente em diversas coletâneas de poesia. Indicado, por seu livro mais recente, ao Prêmio Açorianos de Literatura (Categoria Poesia). Co-roteirista dos filmes de curta-metragem *Estado Senil* (2009), *Revés* (2008) e *Bons sonhos, Maria* (2006). Argumentista da personagem Júlio César, que foi publicado pela primeira vez na revista independente *Eixada* (2010) e republicado na coletânea *O melhor da festa, volume 3* (Casa Verde, 2011). Linguista pela Unicamp, especialista, mestre e doutorando em Literatura Brasileira pela UFRGS.

Sites: www.gutoleite.com.br e www.trombonearte.wordpress.com. Professor temporário de literatura brasileira da UFRGS.